

DA REVALORIZAÇÃO DA CIDADE HISTÓRICA AO FETICHE DO RUEIRO: DUAS VISÕES DA ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA EM COMPOSTELA (1988-2000)

SANTIAGO RODRÍGUEZ-CARAMÉS*

Resumo: *A transição democrática, a capitalidade autonómica e o carácter simbólico e monumental determinaram as mudanças urbanas contemporâneas de Santiago de Compostela. A nossa proposta analisa como é que foi percebida e reinterpretada a imagem da cidade histórica através de dois discursos antagónicos para criarem uma cidade moderna com o olhar na história. De um lado, a sensibilidade pela herança histórica foi refletida no Plano Especial de Proteção (1988), uma aposta pela reabilitação urbana e a integração de novos projetos contemporâneos sensíveis ao contexto assinados por Kleihues, Grassi, Hejduk ou Siza. Doutro lado, fruto da crescente espetacularização da arquitetura, Eisenman propôs no plano da Cidade da Cultura (1999) uma transposição da morfologia e a imagem da cidade velha num processo de abstração e desconstrução formal que, dada a componente megalómana do projeto, se tornou numa simples fetichização da lembrança histórica.*

Palavras-chave: *Patrimonialização; Santiago de Compostela; Cidade da Cultura; Teoria urbana; Paisagem urbana.*

Abstract: *The contemporary urban changes in Santiago de Compostela were determined by the democratic transition, its new role as capital of the autonomous community of Galicia and its symbolic and monumental character. As a common dynamic in contemporary urbanism in Compostela, our proposal analyses how the image of the historic city was perceived and reinterpreted through two antagonistic discourses. On the one hand, the Special Protection Plan (1988) reflected a sensitivity to historical heritage, a commitment to urban rehabilitation and the integration of new contemporary, context-sensitive projects by Kleihues, Grassi, Hejduk or Siza. On the other hand, Eisenman's City of Culture must be understood as an example of the growing spectacularization of architecture. This project proposes a transposition of the morphology of the old town as a result of a formal deconstruction which, given the megalomaniac component of the project, turned into a simple fetishization of historical memory.*

Keywords: *Heritagisation; Santiago de Compostela; City of Culture; Urban theory; Urban landscape.*

* Universidade de Santiago de Compostela, Departamento de Historia da Arte. Grupo de investigação GI-1510 Historia da Arte, da Arquitectura e do Urbanismo (HAAYDU). Email: s.rodriguez.carames@usc.es; santi.r.carames@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4579-0558>.

Este texto contou com o apoio das «Axudas para a consolidación e estruturación de unidades de investigación competitivas da convocatoria 2020 na modalidade de Grupos de Potencial Crecedemento» (ED431B 2020/41), concedida ao GI-1510 HAAYDU pela Xunta da Galiza para período 2020–2022.

INTRODUÇÃO: DAS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS DE PROTEÇÃO ÀS MUDANÇAS NO PENSAMENTO NAS DÉCADAS DE 70 E 80

Santiago de Compostela é, de um ponto de vista patrimonial, mas também simbólico, a grande referência monumental da Galiza. As olhadas ao passado monumental são constantes no decorrer do século XX. Nos anos finais do milénio vão-se dar duas experiências que, não só em termos arquitetónicos, mas também em relação à gestão urbana e cultural da cidade, mostrarão duas visões antagónicas em termos de interpretação da cidade histórica. De um lado, o Plano Especial de Proteção e Requalificação da Cidade Histórica vai ser o marco para as profundas mudanças urbanas do centro da cidade, bem como para a integração de arquiteturas contemporâneas com diferentes modos de se relacionarem com as preexistências. Doutro lado, a Cidade da Cultura simboliza a espetacularização da arquitetura de fins de século, cujas visões à cidade histórica são banais, fruto da necessidade de vender uma imagem reconhecível ao mundo. Contudo, cabe assinalar alguns precedentes na proteção e reflexão sobre a cidade histórica que permitiram chegar à contemporaneidade com um grau de conservação invejável após as décadas de maior desenvolvimento urbano.

Em 1940, a cidade velha foi catalogada como Monumento Histórico-Artístico, uma denominação que, porém, não se traduziria num Plano Especial. Podem-se citar, não obstante, umas instruções publicadas pela Direção-Geral de Belas Artes em 1964 como primeiro e insuficiente avanço na proteção do património histórico da cidade. Nos anos setenta produzir-se-ia uma mudança no signo do debate e a compreensão da cidade histórica¹. A fundação do Colégio Oficial de Arquitetos da Galiza (COAG) e da Escola de Arquitetura da Corunha (ETSAC) em 1973 criou um novo marco profissional mais sensível às problemáticas urbanísticas do país galego. De seguida, estas instituições vão receber a influência direta de uma das personagens mais relevantes da teoria arquitetónica do momento: Aldo Rossi.

Rossi participará na *III Reunião dos Arquivos Históricos dos Colégios de Arquitetos de Espanha*, celebrada em Santiago em 1973, uma atividade em que se vindicava a necessidade de preservar as zonas históricas das cidades. Neste senso, o *Seminário Internacional de Arquitetura de Compostela* (SIAC) de 1976, dirigido pelo italiano², serviu para partilhar metodologias e elaborar propostas para renovar alguns espaços da cidade, tendo em conta a periferia da zona histórica e o estudo dos rúeiros da

¹ Sobre o processo de urbanização e proteção da cidade, vejam-se: ALMUÍÑA DÍAZ, 1981, 1984; BALTAR TOJO, 1991: 51-56, 95-96.

² Para além de Rossi, foram muitas as experiências internacionais que confluíram no SIAC. Cabe salientar, pela relevância que haverão ter os arquitetos portugueses na Galiza, a presença de Álvaro Siza, José Chartres, Souto de Moura ou Adalberto Dias, entre outros.

cidade³. Também as *III Jornadas de Arquitectura Galega*, realizadas em Santiago (1980), avançavam na necessidade de marcos legislativos para a conservação do património.

A influência de Rossi continuará até 1985, ano em que se celebra o *Seminário Internacional de Arquitectura Galega* (SIAG), onde também se elaboraram propostas de atuação específicas que, apesar de não se terem realizado, refletiam algumas preocupações do futuro Plano Especial. Paralelamente, nos anos 80, Santiago converte-se em capital da nova Comunidade Autónoma da Galiza. Em 1985, a UNESCO inscreve a cidade velha na lista de Património da Humanidade. Ademais, já nos anos noventa, a cidade experimentará mudanças urbanas, ganhará novas infraestruturas e novos usos derivados da criação da marca «Xacobeo», uma forma de modernizar os Anos Santos jacobeus⁴. Este processo será possível graças à cooperação, não isenta de problemas e desavenças, entre o governo autárquico e o governo autonómico regional. De um lado, o arquiteto Xerardo Estévez (1983-1986; 1987-1998), arquiteto de formação, favorecerá o debate sobre a gestão urbana e patrimonial da cidade. Do outro lado, Manuel Fraga, presidente da Xunta (1989-2005), tentará deixar a sua pegada no contexto da crescente internacionalização e espetacularização da arquitetura galega, cuja máxima expressão será a Cidade da Cultura.

1. O PLANO ESPECIAL DE PROTEÇÃO E A SUA ARQUITETURA

Dirigida pela Oficina de Planeamiento — encabeçada por Juan Luis Dalda Escudero e Ánxel Viña Carregal —, a revisão do *Plano Geral de Ordenação Municipal* (1988–1989) gerará novas infraestruturas para liberar a cidade histórica de alguns usos e um cinto de zonas verdes para a sua proteção ambiental e paisagística, especialmente no setor ocidental, a zona de menor crescimento urbano e orientação da fachada monumental⁵. Junto ao *Plano Geral*, o *Plano Especial de Proteção* (1988-1998) foi a proposta para dirigir a requalificação da arquitetura da zona histórica. Este Plano Especial contou com a direção de Josef Paul Kleihues, um arquiteto alemão de relevância internacional que, para além da sua participação no seminário compostelano de 1976, vinha de ser um dos diretores dos Internationale Bauausstellung (IBA) do Berlim ocidental. Um dos setores em que se articulava o Plano Especial era o Projeto Urbano, uma série de projetos arquitetónicos sobre os bordos da cidade histórica — entre o urbano e o suburbano —, propostas que reconstituíam fragmentos dos rueiros já existentes sob o olhar individual de cada arquiteto participante.

³ ROSSI, 1977.

⁴ Como exemplos deste processo, vejam-se: ISASI, 1993; QUINTÁNS, 1994. Para um contexto mais alargado das intervenções na cidade velha, vejam-se: MONTERROSO MONTERO, 2011; RODRÍGUEZ CARAMÉS, 2023: 338-372.

⁵ O Plano Especial foi incluído em numerosas publicações estatais e internacionais, mas salientamos DALDA ESCUDERO, VIÑA CARREGAL, 1995; VIÑA CARREGAL, DALDA ESCUDERO, 1994.



Fig. 1
Giorgio Grassi, Escola «Raíña
Fabiola» (1992–1993)
Fonte: Fotografia do autor
tirada em setembro de 2020

Contudo, a grande ausência deste processo será Aldo Rossi. Apesar da sua influência anterior nas novas estruturas profissionais da arquitetura galega, as suas aportações ao debate urbano, o amor professado à cidade de Compostela⁶ e o facto de ter já trabalhado com Kleihues nos IBA de Berlim, o arquiteto ficará fora dos projetos de inovação e renovação urbana do Plano Especial. Assim, o ideário do alemão marcará o Projeto Urbano, sintetizado no seu conceito de reconstrução crítica: uma perspetiva que reconcilie o malogrado discurso moderno com a tradição, uma aposta pela experimentação na cidade histórica como modo de interpretação e transformação positiva da história urbana. Como Kleihues definiu: «La reconstrucción crítica no intenta meramente huir de la consciencia de la crisis para refugiarse resignadamente en el mundo intacto, sino, en oposición constructiva a la unidad clásica, reforzar la vigorosa peculiaridad de las partes como partes de un todo vivo», sem isto supor «una invitación a la libertad incondicional de las posibilidades proyectivas, sino como una necesidad condicionada históricamente»⁷. Para Xerardo Estévez, todas as mudanças experimentadas pela cidade nestes anos respondiam ao espírito de vanguarda que tinha sempre caracterizado a sua evolução e mais uma mostra do ele chamava «neocompos-telanism», o espírito de um «novo Santiago» renovado social e urbanisticamente⁸.

Rossi não esteve presente, mas sim Giorgio Grassi, herdeiro da *Tendenza* italiana. A Escola «Raíña Fabiola» situa-se no bairro de Galeras, no talvegue do rio Sarela, um dos dois rios que rodeia a cidade histórica. Esta zona de transição entre o centro urbano e a realidade suburbana manteve em grande medida as estruturas urbanas

⁶ São muito interessantes as reflexões sobre o mosteiro de São Paio e a fachada do convento de Santa Clara incluídas na sua *Autobiografía científica* (ROSSI, 1981: 3 e 67). Também são frequentes as alusões a Compostela nos seus *quaderni azzurri*, em que se pode detetar o seu amor pela cidade. «Io amo Santiago con timidezza e gelosia», como se lê no *quaderno* número 21 (ROSSI, 1999 [1976-1977]).

⁷ KLEIHUES, 1995: 147-148.

⁸ ESTÉVEZ, 1993: 337; 1994: 46.

tradicionais. O parque de Galeras constitui um dos setores do já citado cinto verde, sendo fundamental para a preservação da visão paisagística da cidade velha desde o Monte Pedroso. Grassi propõe nesta escola um grande bloco branco, uma referência tipológica às *maisons de champagne* de Ledoux⁹. Para além desta referência, Grassi toma também a forma do tradicional soportal a modo de corredor que une a entrada com o espaço central do edifício. Apesar desta monumentalidade, este prédio cumpre com a exigência de não se impor sobre a paisagem do lugar e o seu muro de pedra de feche inspira-se nas soluções tradicionais.

Álvaro Siza também teve a ocasião de intervir no Centro Galego de Arte Contemporânea, um prédio situado ao lado do convento de San Domingos de Bonaval. A lembrança das antigas hortas conventuais está presente neste edifício, constituído por dois volumes que estabelecem um interessante efeito angular e volumétrico com relação ao convento e mais dos seus antigos terreiros, um descobrimento da paisagem num itinerário em ziguezague já presente na obra do matosinhense desde a Piscina das Marés de Leça¹⁰. Nestes terreiros, compostos por vários níveis — hortas, carvalheira, cemitério —, o arquiteto português levou a cabo, em colaboração com a paisagista galega Isabel Aguirre, a sua adequação como parque público, uma intervenção que recuperava um espaço fortemente degradado para uso cidadão. O respeito por todas as preexistências, a mínima intervenção e a conversão de um antigo espaço conventual fazem deste projeto um dos mais celebrados deste momento. Como dizia ele próprio:

cuando subí a las plataformas invadidas por la vegetación y contenidas por muros semiderruida; o cuando entré en el cementerio y vi desde lo alto del robledal los tejados y las mil torres de Santiago, me sentí ante todo cohibido. Llovía; se me mojaron los zapatos, la ropa y el cuerpo; el agua corría desordenadamente por todas partes.

[...] Fuimos encontrando y desenterrando canales de granito, restos de tubos carcomidos, caminos de agua, minas, fuentes, escalones enterrados hace mucho tiempo, y capitales de algún convento desaparecido; fuimos encontrando el lugar donde colocar cimientos y alzar paredes, donde cubrir, impermeabilizar y abrir huecos, dejando entrar la luz¹¹.

Porém, estes projetos não estiveram isentos de polémicas. A ordenação da avenida Xoán XXIII era uma das grandes problemáticas que se tentou retrucar no SIAC (1976) e no SIAG (1985). Trata-se de uma avenida aberta nos anos sessenta que chega até as imediações da praça do Obradoiro e que interrompia a anterior estrutura urbana da

⁹ SAINZ, 1993: 54; YNZENGA, 1995: 50.

¹⁰ CURTIS, 1994.

¹¹ SIZA VIEIRA, 1993: 4.



Fig. 2
Álvaro Siza, Centro Galego de
Arte Contemporânea
(1988–1994)
Fonte: Fotografia do autor
tirada em setembro de 2021



Fig. 3
Álvaro Siza e Isabel Aguirre,
requalificação do parque de
Bonaval (1990–1994)
Fonte: Fotografia do autor
tirada em maio de 2016



Fig. 4
Josef Paul Kleihues,
Pavilhão desportivo de
San Clemente (1990–1993)
Fonte: Fotografia do autor
tirada em setembro de 2020

zona. Piñón e Viaplana, num desenho arriscadamente moderno, melhoram o espaço pedonal, escondem os usos relacionados com o transporte e oferecem uma solução de soportal que se adapta à topografia do lugar¹². Da sua parte, o próprio Kleihues, num polémico conjunto em San Clemente, imediatamente na saída da antiga cidade amuralhada, propõe um edifício que se esconde baixo o chão. Apesar de ter sido obrigado a modificar a altura do projeto após um enfrentamento entre os governos municipal e autonómico, o prédio final confirma os aspetos que para o alemão definiam a arquitetura de Compostela: dialética entre grande e pequena escala, topografia e integração de materiais tradicionais, como o granito, com outros modernos¹³.

2. O AVANÇO PARA UMA ARQUITETURA ESTELAR: A CIDADE DA CULTURA

Apesar das convergências — e divergências — entre os governos autárquico e autonómico nos anos noventa, a Xunta da Galiza toma um outro rumo. Em 1999, o governo de Manuel Fraga convoca um concurso de ideias para a construção de um complexo cultural no Monte Gaiás, muito perto do centro da cidade. Chamar-se-ia Cidade da Cultura. O objetivo era «criar um novo Obradoiro», o referente da Galiza do terceiro milénio. Como tem analisado Campesino Fernández¹⁴, a arquitetura estelar não foi só um recurso de cidades que precisavam de novas referências urbanas, mas também daquelas que, tendo já um património histórico muito importante, criavam estas novas infraestruturas que estabeleciam uma relação de competitividade cultural e turística com o património existente.

Apresentaram-se propostas de grandes estudos de arquitetura, resultando vencedora a do estado-unidense Peter Eisenman num concurso com muitas dúvidas respeito à pouca concreção do projeto, as críticas à suposta megalomania que procurava Fraga com ele e a sinergia entre o personalismo do presidente e do arquiteto, para quem a Cidade foi uma oportunidade de sintetizar a sua própria trajetória teórica e prática. Em efeito, Wilfried Wang¹⁵, um dos membros do júri, denunciaria em 2007 estas questões, assinalando as pressões para a eleição do projeto de Eisenman de um parceiro do júri, Luis Fernández-Galiano, que se converteu num dos grandes enaltecedores críticos da Cidade da Cultura, definida por ele como exercício de topografia táctil¹⁶, interpretação que nega as problemáticas implicações paisagísticas e ambientais do projeto. Seja como for, o Gaiás refletia perfeitamente a vontade do governo da Xunta: uma imagem moderna de Santiago e a Galiza.

¹² VIAPLANA, PIÑÓN, MERCADÉ, 1995.

¹³ KLEIHUES, 1994: 29.

¹⁴ CAMPESINO FERNÁNDEZ, 2000.

¹⁵ WANG, 2007.

¹⁶ FERNÁNDEZ-GALIANO, 1999.

Fig. 5

Peter Eisenman, Cidade da Cultura (1999–2021)

Fonte: Fotografia do autor tirada em setembro de 2018

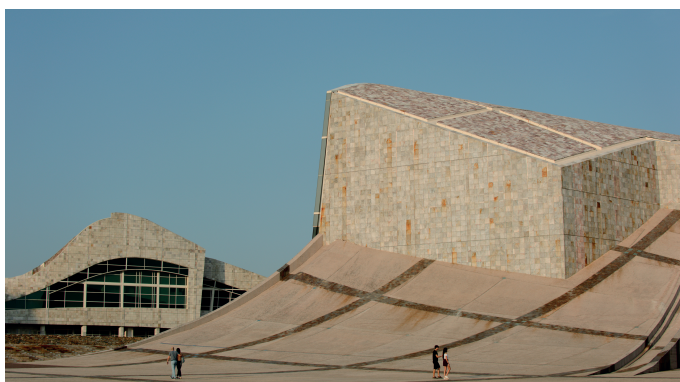
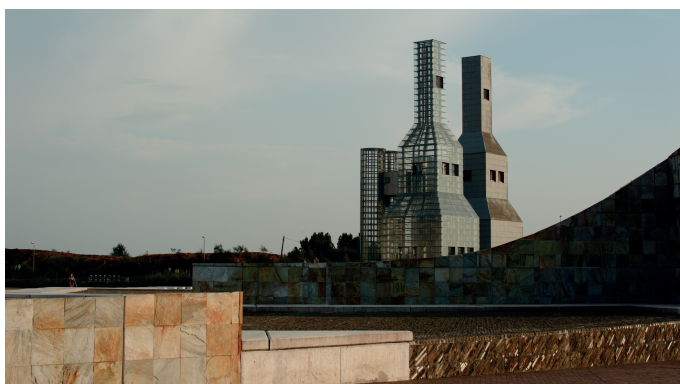


Fig. 6

John Hejduk, Torres botânicas para o parque de Belvís (1992), hoje na Cidade da Cultura

Fonte: Fotografia do autor tirada em setembro de 2018



Eisenman, amigo de Jacques Derrida, é um dos grandes representantes do de-construtivismo arquitetônico. Partindo da forma da vieira, símbolo dos peregrinos tão presente na iconografia da cidade e tornada em fetiche com a celebração dos *xacobeos* modernos, esta superpõe-se a uma trama reticular e à topografia, sobre a qual o arquiteto constrói um novo monte, uma nova paisagem escultórica. Para além da vieira, Eisenman, num exercício de formalismo vazio, toma a morfologia da cidade histórica, levando as principais ruas da cidade histórica à topografia do Monte Gaiás. Para o arquiteto, o processo projetual é um exercício de escrita de códigos, uma natureza que partilha com as artes que empregam a linguagem para se expressarem. Este Código vem influenciado pelo *Codex Calixtinus*, em cujo livro quinto aparece a primeira guia para peregrinos, sendo o Caminho a derradeira referência para Eisenman encontrar uma nova legitimação teórico-abstrata ao seu projeto:

Our codex, our rewriting for Santiago is a play on the words index and code. It signals a movement from an index, which is an internal writing of an action, transformation, or mutarion, to a code, which is a rewriting, that is, a reorganization

*from an external source of an internal organization without necessarily leaving a trace of the activity. Today the idea of a code, or coding, is important because while the index has become conventionalized, there is still a need to counter the production of spectacular effects. This is what the rewriting at Santiago attempts*¹⁷.

Como dizemos, a Cidade da Cultura tenta reescrever simbolicamente a estrutura urbana das principais ruas e praças da cidade histórica. Os diferentes edifícios do complexo criam entre eles diferentes vias que terminam numa grande praça central, o «novo Obradoiro» que procurava as bases do concurso. É na praça que aparecem as duas torres que John Hejduk, amigo de Eisenman, desenhara para como inverna- doiros botânicos para o parque de Belvís no contexto do Projeto Urbano. Estas duas torres surgem como uma abstração das torres da catedral, tornando-se mais uma justificação de um projeto cujas referências à história da cidade são banais e triviais e limitadas ao formalismo.

CONCLUSÕES

As arquiteturas do Projeto Urbano e a Cidade da Cultura representam, de um lado, duas visões antagónicas sobre a cidade histórica com ampla difusão em meios especializados. Se os projetos do Plano Especial simbolizam uma análise pós-estruturalista, a recomposição dos fragmentos e a inserção da diferença linguística, a Cidade da Cultura é uma reescrita panfletária do passado histórico da cidade.

Doutro lado, são também duas formas completamente diferentes de transformar a cidade e dotá-la de novas infraestruturas culturais. Os processos, iniciados em finais dos anos 80 em Santiago, de adaptação aos usos contemporâneos da cidade histórica, estavam guiados pela integração sensível de novas propostas arquitetónicas, com uma compreensão das estruturas urbanas tradicionais da cidade, mas a Cidade da Cultura respondava aos desejos pessoais de Manuel Fraga de construir uma arquitetura singular como fora o Museu Guggenheim em Bilbao¹⁸. Após vinte anos, a influência negativa do Gaiás sobre os orçamentos de cultura da Galiza não desapareceu.

BIBLIOGRAFIA

- ALMUÍÑA DÍAZ, Carlos (1981). *Santiago de Compostela: 40 anos oficialmente protexido (teoría e práctica dunha política protectora)*. In *Galicia. A destrución e a integración do patrimonio arquitectónico. III Xornadas de arquitectura galega*. Santiago de Compostela: Colexio Oficial de Arquitectos de Galicia, pp. 68-79.
- ALMUÍÑA DÍAZ, Carlos (1984). *Santiago de Compostela: teoría do monumento na lexislación protectora*. In *Galicia. Patrimonio arquitectónico, cidade e territorio. II e III xornadas de arquitectura galega*. Santiago de Compostela: Colexio Oficial de Arquitectos de Galicia, pp. 50-53.

¹⁷ EISENMAN, 2005: 27.

¹⁸ Sobre a relação da Cidade da Cultura com o chamado «efeito Guggenheim», veja-se RODRÍGUEZ CARAMÉS, 2022.

- BALTAR TOJO, Rafael (1991). *Arquitectura y preexistencias: una referencia gallega*. Sada: Edición do Castro.
- CAMPESINO FERNÁNDEZ, Antonio-José (2000). *El patrimonio «estrella» del siglo XXI en las viejas ciudades históricas: la competitividad cultural*. In *Ciudades históricas: conservación y desarrollo*. Madrid: Fundación Argentaria, Visor Dis, pp. 35-43.
- CURTIS, William J. R. (1994). *Álvaro Siza: una arquitectura de bordes*. «El Croquis». 68-69, 32-45.
- DALDA ESCUDERO, Juan Luis; VIÑA CARREGAL, Ánxel (1995). *La transformación urbanística de la ciudad histórica de Santiago de Compostela*. In MARTÍ ARÍS, Carlos, ed. *Santiago de Compostela: la ciudad histórica como presente*. Santiago de Compostela: Consorcio de Santiago, pp. 202-227.
- EISENMAN, Peter (2005). *Coded Rewritings: The Processes of Santiago*. In *CodeX: the City of Culture of Galicia*. Nova Iorque: The Monacelli Press, pp. 27-35.
- ESTÉVEZ, Xerardo (1993). *Entrevista con Xerardo Estévez*. «Grial: revista galega de cultura». 119, 325-340.
- ESTÉVEZ, Xerardo (1994). *Entrevista a Xerardo Estévez*. «Ruptura». 2, 35-48.
- FERNÁNDEZ-GALLIANO, Luis (1999). *Topografía táctil: Peter Eisenman en Santiago de Compostela*. «Arquitectura Viva». 67, 64-65.
- ISASI, Justo (1993). *Hacer lo nuevo con lo viejo: las obras del Santiago jacobeo*. «A&V Monografías». 41, 16-20.
- KLEIHUES, Josef Paul (1994). *Memoria del Plan Especial*. «Ruptura». 2, 29-30.
- KLEIHUES, Josef Paul (1995). *Urbanismo es recuerdo. Reflexiones en torno a la reconstrucción crítica*. In MARTÍ ARÍS, Carlos, ed. *Santiago de Compostela: la ciudad histórica como presente*. Santiago de Compostela: Consorcio de Santiago, pp. 146-149.
- MONTEROSO MONTERO, Juan Manuel (2011). *El Centro Histórico. La creación de una conciencia cultural. El caso de Santiago de Compostela*. In MOREIRA DA ROCHA, Manuel Joaquim, coord. *Actas do Seminário Centros Históricos: Passado e Presente*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Departamento de Ciências e Técnicas do Património, pp. 39-69.
- QUINTÁNS, Carlos (1994). *Verso la nuova Santiago*. «Casabella». 618, 34-41.
- RODRÍGUEZ CARAMÉS, Santiago (2022). *Arquitectura, infraestrutura cultural y poder en los años noventa: el caso de Santiago de Compostela*. «Espacio, tiempo y forma. Serie VII Historia del Arte». 10 (4.ª época), 425-452. DOI: 10.5944/etfvii.10.2022.32869.
- RODRÍGUEZ CARAMÉS, Santiago (2023). *O lugar da arquitectura galega contemporánea (1970-2000): autorreflexións e olladas vernáculos. Teoría, historiografía, praxe*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Faculdade de Xeografía e Historia. Tese de doutoramento.
- ROSSI, Aldo (1977). *Ciudad y proyecto*. In *Proyecto y ciudad histórica*. Santiago de Compostela: Colexio Oficial de Arquitectos de Galicia, pp. 17-24.
- ROSSI, Aldo (1981). *A Scientific Autobiography*. Cambridge: The MIT Press.
- ROSSI, Aldo (1999). «Architettura. USA / progetto Firenze». 20 ottobre 1976 – 15 maggio 1977. Milán: Electa (I quaderni azurri, 21, edición fac-símile por Francesco Dal Co).
- SAINZ, Jorge (1993). *Tendencia geométrica: colegio Carme de Abaixo, Santiago de Compostela*. «A&V Monografías». 41, 56-57.
- SIZA VIEIRA, Álvaro (1993). *De granito eterno: viaje al otro lado del Miño*. «A&V Monografías». 41, 4.
- VIAPLANA, Albert; PIÑÓN, Helio; MERCADÉ, R. (1995). *Avenida Xoán XXIII, Santiago de Compostela*. «Informes de la construcción». 47: 439, 63-66.
- VIÑA CARREGAL, Ánxel; DALDA ESCUDERO, Juan Luis (1994). *Santiago de Compostela: il piano regolatore e il piano di recupero del centro storico*. «Casabella». 618, 28-31.
- WANG, Wilfried (2007). «Un ignorante habría detectado los excesos del proyecto de Eisenman», entrevista por Manuel Cheda. «La Voz de Galicia» (29 ag. 2007), 4.
- YNZENGA, Bernardo (1995). *Un pabellón ilustrado: colegio público 'Carme de Abaixo', Santiago*. «Arquitectura Viva». 43, 50-53.